SUBMISSÃO
09-05-2025
APROVAÇÃO
07-07-2025

SABERES E RESISTÊNCIAS ANCESTRAIS DA AMAZÔNIA: A PRÁTICA DAS PLANTAS MEDICINAIS NAS TRADIÇÕES HUNI KUIN E AFRO-BRASILEIRAS EM SUAS CONEXÕES COM O SAGRADO

ANCESTRAL KNOWLEDGE AND RESISTANCE OF THE AMAZON: THE PRACTICE OF MEDICINAL PLANTS IN THE HUNI KUIN AND AFRO-BRAZILIAN TRADITIONS IN THEIR CONNECTIONS WITH THE SACRED

Karolaine da Silva Oliveira
Káren Martins Tomás

RESUMO: O presente trabalho busca dialogar com a utilização das plantas medicinais por parte dos indígenas Huni Kuin e tradições de origem afro-brasileira como algo bem mais profundo e intimamente atrelado as suas cosmologias, sendo ainda a expressão das vivências e saberes dos povos da Amazônia que resistem as transformações introduzidas pela cultura dos não indígenas. A partir de uma metodologia bibliográfica, com a realização de pesquisas em obras que já trazem discussões sobre a temática o trabalho dialoga com os autores como Maria Ariádina e Teresa Cruz (2016), Gavazzi (2012), Reginaldo Prandi (2020),Walter Mignolo (2008), dentre outros. Desse modo, primeiramente falamos das plantas medicinais para os Huni Kuin. O povo em questão, chamados pelos de fora de Kaxinawa, transmitiam sua medicina tradicional para futuras gerações por meio da oralidade, mas nos últimos anos o pajé Agostinho Ika Muru sentiu a necessidade de registrar de forma escrita todos estes conhecimentos para deixar de herança aos descendentes de seu povo, além de ter escrito dois livros foi o impulsionador do parque medicinal "Fundo Segredo", um lugar sagrado e com grande ressignificação. Após essa discussão, trazemos em questão as plantas para os povos afro-descendentes, estes executam suas práticas sagradas acompanhadas dose saberes passados de geração à geração. Assim, o uso das plantas medicinais por esses grupos representação os saberes do passado utilizados no presente em um espaço natural.
Palavras-chave: Afro-descendentes. Huni Kuin. Medicina tradicional. Plantas Medicinais. Tradições sagradas.

ABSTRACT**:** This paper seeks to discuss the use of medicinal plants by the Huni Kuin indigenous people and traditions of Afro-Brazilian origin as something much deeper and intimately linked to their cosmologies, and also as an expression of the experiences and knowledge of the peoples of the Amazon who resist the transformations introduced by the culture of non-indigenous peoples. Using a bibliographic methodology, with research in works that already discuss the theme, the paper discusses authors such as Maria Ariádina and Teresa Cruz (2016), Gavazi (2012), Reginaldo Prandi (2020), Walter Mignolo (2008), among others. Thus, we first discuss medicinal plants for the Huni Kuin. The people in question, called Kaxinawa by outsiders, passed on their traditional medicine to future generations through oral tradition, but in recent years the shaman Agostinho Ika Muru felt the need to record all this knowledge in writing to leave it as an inheritance to the descendants of his people. In addition to having written two books, he was the driving force behind the "Fundo Segredo"

medicinal park, a sacred place with great re-signification. After this discussion, we bring up plants for Afro-descendant peoples, who perform their sacred practices accompanied by knowledge passed down from generation to generation. Thus, the use of medicinal plants by these groups represents the knowledge of the past used in the present in a natural space.
Keywords**:** Afro-descendants. Huni Kuin. Traditional medicine. Medicinal plants. Sacred traditions.

INTRODUÇÃO

Os Huni Kuin (gente boa), como se autodenominam, e chamados pelos de fora de Kaxinawa (gente do morcego), habitam hoje as regiões fronteiriças do Brasil e Peru. No estado brasileiro estão localizados nos rios Purus, Humaitá, Envira, Breu, Jordão, Tarauacá e Murú, sendo a maior etnia do estado do Acre. Pertencem a família Pano, falando a língua hãtxa kui [1]. Tiveram contato com os não indígenas ainda em meados do século XIX durante a extração da borracha e do caucho, período em que sofreram com as correrias lhes rendendo muitas mortes. Hoje contam com uma população de 7.535 habitantes, enquanto em 1920 de acordo com os registros de Tastevin haviam aproximadamente 4 mil indígenas somente na região do rio Murú. Apesar de toda essa redução ainda tiveram o impedimento de praticarem a sua cultura, segundo Almeida e Cruz (2016) a memória dos velhos foi indispensável para a organização da "cosmovisão e da língua", pois foram impedidas de praticá-las durante o tempo dos seringais. Estando a medicina tradicional indígena atrelado a essa cosmologia os idosos também desempenham o papel fundamental de passar seus conhecimentos sobre ela de geração a geração. De acordo com Matos e Nunes (2016) esta medicina tradicional indígena é formada pelo uso das plantas, animais, rituais, músicas, espiritualidades, e crenças sobre a floresta.

> O pensamento dos xamãs se estende por toda parte, debaixo da terra e das águas, para além do céu e nas regiões mais distantes da floresta e além dela. Eles conhecem inúmeras palavras desses lugares e as de todos os seres do primeiro tempo. É por isso que amam a floresta e querem tanto defendê-la." (Albert; Kopenawa, 2015, p.48)

Os Huni Kuin dividem as suas plantas medicinais em 5 tipos, o primeiro foi criado por uma entidade divina enquanto as outras 4 surgiram a partir dos espíritos dos pajés que já morreram. Para entender o uso das plantas medicinais precisa-se primeiro compreender que os povos indígenas possuem uma interligação profunda com todos os aspectos da natureza, como afirmado por Davi Kopenawa no livro a queda do céu:

O SURGIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Para os Huni Kuin tanto o surgimento das plantas medicinais, quanto das doenças, e até do próprio povo, se deram devido ao consumo de sangue coalhado. Em sua tese de mestrado "JÁ ME TRANSFORMEI: Modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuĩ (Kaxinawá)" Alice Haibara de Oliveira trouxe o mito dos surgimentos a partir dos relatos do pajé Agostinho Manduca Mateus Ika Muru. O

1 Para mais informações ler a tese de doutorado "Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá", de Marcelo Manuel Piedrafita Iglesias.

pajé conta que antes a humanidade aproveitava de tudo das suas caças, até que o próprio yuxibu mandou consumirem também o sangue coalhado em tabocas, daí veio uma explosão surgindo então os Huni Kuin, que passaram a se relacionar uns com os outros gerando novas descendências. Entretanto a mistura desse sangue Huni Kuin com sangue das caças acabou por ocasionar as doenças, e a solução encontrada por um pajé foi transformar-se em ervas.

Assim como houve a transformação em plantas da cura, ocorreu também a transformação em plantas venenosas, pois algumas pessoas optaram por "em vez de curar, preferem se alimentar daqueles parentes huni kuĩ falecidos." (Oliveira, 2016, p.125). E foi desta forma que as ervas foram criadas para o povo Huni Kuin, estando o sagrado atrelado a natureza e indivíduo. A medicina indígena, assim como todas as outras ações se constituem em cosmologia, desta forma somente compreendemos os indígenas, se também houver a compreensão do mundo.

O PARQUE DAS MEDICINAS

Com o intuito da preservação das plantas medicinais e de seus saberes foram criados em algumas comunidades espaços destinados para o cultivo das plantas medicinais chamados de "Parques das Medicinas". Os parques são espaços criados em algumas aldeias Kachinawa na região do rio Jordão, Humaitá e Tarauacá, sendo verdadeiras "farmácias vivas". Estes parques são formados por plantas medicinais colhidas na floresta e replantadas, recebendo os cuidados dos pajés. Em 2012, o geografo Renato Gavazzi registrou alguns parques medicinais presentes no estado do Acre, sendo eles: Espiríto da floresta, Sesse Enaya; Farmácia Fundo Segredo- Dua Arubena Ranu Banati; Coração Medicinais- Dua Buse; Nixi pae; Ika Muru. Eles costumam ser criados próximos a alguma árvore sagrada, como a samaúma ou o cumarú, como exemplo "O Parque da Samaúma Sagrada" localizado na Aldeia Futuro no rio Humaitá. Ainda de acordo a Gavazzi (2012) estes espaços não são apenas destinados para as curas, mas também para o lazer e ensinamentos, já que são vistos como "universidades espirituais".

Um desses parques surgiu em 1998, o chamado "Parque Fundo Segredo" da região do rio Jordão. Criado a partir do sonho de Tadeu Siã Kaxinawa, o filho do pajé Agostinho Ika Muru. OLIVEIRA (2016) explica que o pajé tinha a grande preocupação de conservar as plantas medicinais, pois nelas haviam os conhecimentos. Logo após o sonho de seu filho, e da ajuda de outros, o pajé Agostnho Ika Muru criou o parque "Fundo Segredo", de acordo com ele deu esse nome porque "nós não conhecemos nem meio terço, nem um terço de nada no mundo, a gente só olha a pontinha.", onde estes segredos poderão ser descobertos a partir dos estudos das ervas medicinais e da relação com o yuxibu[2].

2 "categoria huni kuĩ relacionada à noção de dono." (OLIVEIRA, 2016, p. 40). Para mais informações, ler o capítulo "Yuxibu" da tese de mestrado "JÁ ME TRANSFORMEI: Modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuĩ (Kaxinawá)" de Alice Haibara de Oliveira.

O "Fundo Segredo" foi formado distante das casas das aldeias por serem lugares de cura, precisando ficar longe dos locais onde ocorrem festas, e das crianças consideradas ainda muito frágeis. As plantas que mais se destacam no parque são aquelas utilizadas nas "dietas", como o muka, o cipó nixi, utililizado nos rituais do nixi pae, e as folhas kawa.

Gavazzi (2012) notou que as mulheres realizavam a plantação de flores e plantas medicinais no entorno de suas casas, e não nos parques medicinais, como foi descrito por ele sobre a aldeia Novo Segredo, onde as mulheres plantavam também plantas somente para a ornamentação.

PAJÉ AGOSTINHO

A mais de 30 anos o pajé Agostinho Manduca Mateus Ika Muru possuía o sonho de deixar registrado todos os conhecimentos orais de seu povo.

> Ele vinha sonhando no espiritual, ele sempre vinha lutando, pensando de passar do nosso povo, e antigamente não tinha tecnologia, não tinha nada de registro, nosso conhecimento quase que vai todo para o beleleu. (Tadeu Mateus Siã)

Em 2011 foram reunidos 22 pajés da região do Jordão, incluindo alguns etnobotânicos e botânicos com o intuito de reunir todo o conhecimento possível para dar origem ao livro que o pajé almejava, intitulado de "O Livro da Cura" (Una Isi Kayawai). O pesquisador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Alexandre Quinet, contou que poucos dias após da criação do livro o pajé faleceu, seu filho Tadeu Manduca disse em entrevista que "o sonho do pajé era mostrar o conhecimento para o mundo."

O pajé agostinho esteve envolvido também com outros projetos, deixando seus conhecimentos registrados e "uma aliança com seu povo". Também foi autor do livro "Uma Hiwea - Livro Vivo" relacionado a medicina tradicional indígena e as transformações das plantas e suas cruas. O livro foi feio em conjunto com o filme "Shuku Shukuwe- a vida é para sempre". Suas produções não apenas deixaram registrados ensinamentos para o seu povo, mas acabaram por informar grandemente a sociedade dos não indígenas, "O fato de não serem reconhecidos pela mídia ou pela universidade não implica que o trabalho e a produção intelectual deles sejam menos significativos na malha social" (MIGNOLO, 2018, p. 314).

Seus filhos relatam que após a sua morte o pajé se transformou em ervas, já que depois de ser enterrado no parque "Fundo do Segredo" nasceram várias plantas que nunca haviam visto antes, havendo ainda a presença de uma jiboia, que na cultura Huni Kuin significa transformação.

PLANTAS MEDICINAIS E SUAS UTILIDADES

A medicina tradicional indígena, composta pelas plantas, vai desde a existência de antibióticos, a remédios para dor de cabeça e dor de dente, há também remédios para a cura da alma, problemas de panema na caça, abstinência sexual, falta de coragem, entre

outras. Dentre as mais conhecidas estão o nixi pae, na língua hãtxa kui "nixi" signfica cipó e "pae" força. Esta bebida é mais conhecida como ayhuasca, para os Hunni Kuin essa bebida veio da jiboia "e seu uso remonta a tempos distantes onde os humanos, as plantas e os seres encantados coexistiam." Durante a cerimônia do Nixi Pae os Txanas (pajés-cantadores) e Dauya (pajés-medicina) vão conduzindo o ritual invocando cantos sagrados. Os pajés também fazem o uso da bebida para a cura, além deste efeito a bebida propõe ensinamentos diferentes ao que cada uma precisa. O rapé (Dume deshke) também é derivado das plantas, feito de tabaco, ervas e cinzas de outras árvores, até mesmo a forma como se pega o pó influência seus resultados, devendo ser sempre bem instruído. Enquanto tabaco é utilizado da forma pura pelos mais velhos antes de irem dormir. O jenipapo preto é usado para dar força ao pajé curandeiro. Nos olhos das meninas é aplicado o sumo da folha bawe funcionando como colírio para se tornarem boas tecelãs. Durante a gravidez as mães costumam tomar banho de ervas para ajudar no parto, continuando no pós-parto também dando banho no bebê para protegê-los de doenças, além disto os recém nascidos são tingidos no jenipapo para que tenham o yuxi fixo ao seu corpo tendo a proteção.

Anualmente ocorre o festival "O Encontro Huni Kuin Yube Inu" onde os não indígenas têm a oportunidade de aprenderem mais sobre a medicina tradicional do povo indígena Huni Kuin. O evento acontece na Aldeia Boa Vista, Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, no estado do Acre[3].

COSMOVISÕES E PRÁTICAS DE CURA: CONEXÕES ENTRE OS HUNI KUIN E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

As práticas de cura ocupam uma posição central tanto na cultura dos Huni Kuin quanto nas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Ambas as tradições compartilham uma compreensão ampla da saúde, que integra corpo, mente e espírito, fundamentada em uma relação indissociável com a natureza. Nessas cosmologias, as plantas medicinais não são apenas recursos naturais, mas entidades vivas, dotadas de energia espiritual e valor sagrado.

No contexto dos Huni Kuin, as plantas medicinais estão profundamente enraizadas em sua mitologia, sendo intrinsecamente ligadas ao surgimento do povo e à atuação dos pajés na transformação de ervas em elementos de cura (Oliveira, 2016). Essa relação espiritual é evidenciada no uso ritualístico de plantas como o nixi pae (ayahuasca), que transcende a função medicinal para atuar como um meio de conexão com o sagrado e de transmissão de saberes ancestrais.

De maneira análoga, nas religiões afro-brasileiras, as folhas sagradas são concebidas como portadoras do axé – a energia vital que mantém o equilíbrio do universo e dos seres que nele habitam (Prandi, 2020). Práticas como banhos de ervas, defumações e oferendas reafirmam o papel central das plantas na proteção espiritual, na purificação e

3 Para mais informações ac essar o site "Instituto Yube Inu". Disponível em: https://www.yubeinu.org/encontrohunikuin . Acesso em: 27 de mai. 2021.

na cura. Para ambas as tradições, a simbologia espiritual das plantas reafirma uma visão de interdependência entre os seres humanos e a natureza. Como afirma Davi Kopenawa, liderança indígena Yanomami: Os xamãs conhecem as palavras de todos os seres do primeiro tempo. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 48).

Evidenciando a relação intrínseca entre o conhecimento ancestral e o ambiente natural. Esse mesmo princípio se manifesta nas religiões afro-brasileiras, nas quais cada folha utilizada em rituais possui um significado específico e se conecta a um orixá, fortalecendo a interconexão entre o sagrado.

Apesar de inseridas em contextos históricos e culturais distintos, ambas as cosmovisões convergem em sua percepção de saúde como equilíbrio entre dimensões espirituais, físicas e ambientais. Essas práticas, como o uso de banhos de ervas nas tradições afro-brasileiras e os preparados de cipós e folhas na medicina Huni Kuin, não apenas desafiam os paradigmas da biomedicina ocidental, mas também reivindicam o reconhecimento de epistemologias alternativas. Essa perspectiva decolonial, ao valorizar os saberes indígenas e afro-diaspóricos, rompe com as hierarquias epistêmicas impostas pela modernidade colonial, reafirmando a legitimidade dessas cosmologias no cuidado integral dos corpos e territórios.

O PAPEL DOS LÍDERES ESPIRITUIS: PAJÉS, BABALORIXÁS/ IYALORIXÁS E MÃES/PAIS DE SANTO

Os líderes espirituais desempenham um papel essencial tanto na cultura dos Huni Kuin quanto nas religiões de matriz africana, atuando como mediadores entre o mundo material e o espiritual. Entre os Huni Kuin, o pajé é mais do que um curador; ele é o guardião dos conhecimentos ancestrais sobre as plantas medicinais, os rituais de cura e a cosmologia do povo. Sua função inclui a interpretação dos sonhos, a comunicação com os espíritos e a condução de práticas que envolvem o uso de substâncias sagradas, como o nixi pae. Nas religiões afro-brasileiras, o babalorixá/iyalorixá para o Candomblé e mães/pais de santo para a Umbanda exerce um papel semelhante, sendo responsável por conduzir as cerimônias no terreiro, cuidar da comunidade religiosa e preservar os saberes litúrgicos e a ciência das folhas sagradas.

Apesar de inseridos em contextos culturais distintos, o pajé e os líderes afro-religiosos compartilham a responsabilidade de manter viva a conexão com o sagrado e de transmitir esses saberes às novas gerações. Entre os Huni Kuin, essa transmissão ocorre principalmente por meio da oralidade, como evidenciado nos relatos de Agostinho Ika Muru, que se dedicou a registrar os conhecimentos tradicionais em obras como Una Isi Kayawai (O Livro da Cura).

Esse esforço reflete uma preocupação em perpetuar a sabedoria ancestral diante das transformações impostas pela colonização e pela modernidade (Oliveira, 2016). Nas religiões afro-brasileiras, a transmissão de saberes ocorre de forma ritualística, por meio da relação hierárquica entre os iniciados e os líderes religiosos, que ensinam não apenas

as liturgias, mas também o uso correto das folhas e outros elementos rituais. Essa ciência das folhas, conhecida como ewé[4], é central na manutenção do axé e no equilíbrio espiritual da comunidade (Prandi, 2020).

A preservação desses saberes é, em ambos os casos, uma forma de resistência cultural. Como observa Mignolo (2008), essas epistemologias enfrentam a marginalização imposta pelo projeto colonial, que desqualifica os saberes não ocidentais como superstição ou práticas não científicas. No entanto, tanto o pajé quanto o babalorixá/iyalorixá como também mães/pais e santo desafiam essas narrativas ao reafirmar a relevância de suas cosmologias e práticas espirituais no cuidado integral do indivíduo e da comunidade. Onde essa preservação não se limita à tradição oral, mas se expande para novas formas de registro e disseminação, como festivais culturais, publicações e projetos de revitalização dos territórios sagrados.

Dito isso, o papel desempenhado por essas figuras de lideranças ultrapassa a esfera religiosa, abrangendo dimensões espirituais, sociais e culturais. Ao perpetuarem os saberes ancestrais, esses líderes reafirmam a centralidade de suas cosmologias como ferramentas de resistência e renovação cultural, desafiando a hegemonia das epistemologias ocidentais e contribuindo para a valorização de perspectivas decoloniais.

PLANTAS MEDICINAIS, RITUAIS E PONTOS: PRÁTICAS ESPIRITUAIS PLURAIS

As plantas medicinais e os rituais espirituais desempenham um papel central tanto na cosmologia dos Huni Kuin quanto nas religiões afro-brasileiras, estabelecendo uma conexão entre o mundo natural e o espiritual. Em ambas as tradições, as plantas são reconhecidas como portadoras de energia vital e espiritual, atuando como mediadoras entre os seres humanos e o sagrado. Entre os Huni Kuin, o uso de substâncias como o cipó nixi (ayahuasca) é fundamental em cerimônias que promovem a cura e o aprendizado espiritual coletivo. Esse uso reflete a crença de que as plantas possuem uma força intrínseca que estabelece conexões com os espíritos da floresta e com os ensinamentos ancestrais. De forma semelhante, no candomblé e na umbanda, as folhas sagradas, como a arruda e o guiné, são associadas aos orixás, sendo utilizadas em rituais de purificação, proteção e restauração do equilíbrio espiritual (PRANDI, 2020).

As funções espirituais das plantas se complementam com a força ritualística da música e do canto, elementos indispensáveis para a realização dos rituais em ambas as tradições. Entre os Huni Kuin, os cânticos sagrados conduzidos pelos txanas (pajés-cantadores) durante cerimônias com o nixi pae têm o poder de invocar os espíritos e alinhar as energias dos participantes, criando um ambiente propício à cura espiritual e à transmissão de saberes.

4 As folhas sagradas na língua iorubá significa as folhas, plantas, raízes, sementes e favas utilizadas nos preceitos e cerimônias como água sagrada das religiões afro-brasileiras.

Esses cânticos, que conectam os participantes ao mundo espiritual, são considerados uma linguagem sagrada que transcende o plano humano. Nas religiões afro-brasileiras, os pontos[5] cantados desempenham função semelhante ao invocar os orixás ou entidades espirituais, promovendo estados de transe e estabelecendo a comunicação entre os praticantes e o divino. A música, assim como as plantas, atua como um elemento que organiza e harmoniza o universo espiritual e físico, onde essa visão também é compartilhada no candomblé, que cada folha e cada cântico possuem um significado específico, conectando o ritual ao orixá que rege essas forças da natureza.

Posto isso, a relação espiritual com as plantas e os cânticos em ambas as tradições reafirma conexão do sagrado com a saúde, espiritualidade e natureza como dimensões interdependentes. Desse modo, as práticas transcendem qualquer lógica reducionista, resistindo às imposições coloniais que buscaram fragmentar ou deslegitimar os saberes indígenas e afro-brasileiros, pois, ao reivindicarem sua legitimidade como epistemologias autônomas e completas, essas tradições reafirmam uma compreensão do mundo que valoriza a totalidade e a interconexão entre corpo, espírito e território. Nesse sentido, os saberes dos Huni Kuin e das religiões de matriz africana constituem práticas vivas de resistência cultural e renovação espiritual, preservando cosmologias que sustentam modos de vida equilibrados, enraizados no respeito à ancestralidade.

ESPAÇOS SAGRADOS, RESISTÊNCIA CULTURAL E SABERES DECOLONIAIS

Dando continuidade à importância das plantas medicinais, dos rituais e das lideranças espirituais nas tradições dos Huni Kuin e das religiões afro-brasileiras, é essencial compreender como os espaços sagrados desempenham fatores essenciais na preservação e transmissão desses saberes, pois, esses locais não são apenas territórios físicos, mas também espaços simbólicos e espirituais, que asseguram a continuidade das práticas culturais, a resistência contra a opressão histórica e a afirmação de epistemologias próprias.

Entre os Huni Kuin, os parques medicinais representam verdadeiras "farmácias vivas" e "universidades espirituais", onde as plantas sagradas são cultivadas, protegidas e utilizadas nos rituais de cura e aprendizado espiritual. Neste viés, esses espaços, organizados sob a orientação dos pajés, não apenas preservam a biodiversidade da floresta, mas também garantem a perpetuação dos conhecimentos ancestrais que conectam as plantas ao universo cosmológico desse povo.

De forma semelhante, os terreiros das religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, desempenham funções que vão além das práticas religiosas. Com isso, esses espaços são locais onde os saberes sobre as folhas (ewé), os cânticos e os rituais são transmitidos aos iniciados, reforçando a ligação entre os seus membros, os orixás e as

5 De acordo com Prandi (2020) os pontos nas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, são cânticos sagrados utilizados para invocar, louvar ou estabelecer conexão com entidades espirituais, como orixás e guias. Eles possuem melodias específicas e cumprem funções ritualísticas, como organizar energias, facilitar estados de transe e transmitir ensinamentos do sagrado.

forças naturais. Assim como os parques medicinais, os terreiros simbolizam resistência, preservando as tradições culturais e enfrentando as tentativas históricas de apagamento.

Essa continuidade entre os espaços sagrados e as práticas espirituais também reflete a luta mais ampla dessas comunidades contra o colonialismo cultural e epistêmico. Tanto os Huni Kuin quanto as religiões de matriz africana foram historicamente marginalizados, com seus saberes frequentemente desqualificados como superstição ou práticas não científicas. No entanto, essas comunidades têm resistido, afirmando a centralidade de suas cosmologias como formas legítimas de compreender e interagir com o mundo. Festivais como o Encontro Huni Kuin Yube Inu, realizados na Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, exemplificam essa resistência ao celebrarem a medicina tradicional indígena e os laços espirituais com a floresta. Da mesma forma, os terreiros, por meio de suas celebrações públicas e liturgias, reafirmam sua relevância cultural, espiritual e histórica no contexto brasileiro.

Essa resistência também se conecta diretamente à valorização de epistemologias descoloniais, que desafiam as hierarquias impostas pelo pensamento eurocêntrico. Como argumenta Mignolo (2008), as epistemologias indígenas e afro-diaspóricas propõem formas de conhecimento que integram saúde, espiritualidade e meio ambiente de maneira indissociável, rompendo com a fragmentação característica do pensamento ocidental. Nos parques medicinais, por exemplo, a ciência das plantas está profundamente ligada à cosmologia dos Huni Kuin, que compreende a floresta como um espaço vivo de transformação e aprendizado. De modo semelhante, no Candomblé e Umbanda, o conhecimento sobre as folhas e seus usos rituais reafirma a conexão com as forças naturais regidas pelos orixás e entidades, destacando a interação entre o sagrado e o ecológico.

Portanto, a articulação entre práticas espirituais, o uso de plantas medicinais, os espaços sagrados e o papel das lideranças espirituais reflete a potência de cosmologias que resistem à lógica colonial e à marginalização histórica. Os Huni Kuin e as comunidades de matriz africana afirmam, por meio de seus rituais e saberes, uma relação integrada com o mundo, em que corpo, espírito, território e ancestralidade se entrelaçam de forma inseparável. Esses espaços e práticas não apenas preservam tradições, mas reconfiguram os significados de cuidado, saúde e espiritualidade a partir de epistemologias próprias, desafiando as imposições coloniais que tentaram reduzi-los a meras práticas folclóricas ou supersticiosas. Ao reconhecerem a centralidade desses saberes e lutarem pela valorização de seus territórios e cosmologias, essas comunidades se tornam símbolos vivos de resistência e reafirmação cultural, propondo um futuro onde a pluralidade de conhecimentos seja vista como riqueza e não como ameaça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das plantas medicinais pelos Huni Kuin transcende a mera cura do corpo e se enraíza em uma cosmovisão que valoriza a interdependência entre os seres humanos, o sagrado e a natureza. Esses saberes, transmitidos ao longo das gerações, resistem às im-

posições coloniais que tentaram deslegitimar as epistemologias indígenas, reduzindo-as a práticas supersticiosas. A oralidade, reforçada por registros como os livros do pajé Agostinho Ika Muru e pela criação de espaços como o parque medicinal "Fundo Segredo", demonstra a resiliência desse povo em proteger e perpetuar sua cultura, mesmo diante das constantes transformações trazidas pela modernidade.

Esse processo de continuidade ancestral e renovação não é exclusivo dos Huni Kuin, mas encontra ressonâncias nas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Tanto nos parques medicinais quanto nos terreiros, esses espaços sagrados se consolidam como territórios de resistência cultural e espiritual, reafirmando saberes que integram saúde, espiritualidade e meio ambiente. Esses locais não são apenas pontos de conexão com o sagrado, mas também centros de aprendizado e luta contra o apagamento histórico. A manutenção dessas práticas evidencia a capacidade dessas comunidades de resistirem às narrativas coloniais, propondo cosmologias próprias e rejeitando a fragmentação imposta pelas epistemologias eurocêntricas.

O olhar decolonial, então, nos permite compreender que esses saberes não estão apenas em disputa de reconhecimento, mas também apontam para uma forma de reorganizar as relações com o mundo. As práticas medicinais, os pontos, os rituais e os espaços sagrados reafirmam a legitimidade de uma visão integrada da existência, onde corpo, espírito e território se entrelaçam. A valorização da ancestralidade, do sagrado e da natureza, presente tanto nas tradições Huni Kuin quanto nas afro-brasileiras, desafia a hegemonia do pensamento colonial.

Essas práticas e saberes representam mais do que a preservação de uma herança cultural: são ferramentas vivas de resistência e transformação. Ao integrarem passado, presente e futuro, apontam para um horizonte de luta por justiça epistêmica e ambiental, no qual as cosmologias indígenas e afro-diaspóricas se tornam fundamentais para repensar as relações entre humanidade e natureza. Desse modo, os Huni Kuin e as comunidades de matriz africana reafirmam a potência de seus territórios e saberes, resistindo não apenas à opressão colonial, mas também oferecendo caminhos para a construção de um futuro plural, enraizado na diversidade e no respeito às epistemologias descoloniais.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 729.

Alice Haibara de Oliveira. JÁ ME TRANSFORMEI: Modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuĩ (Kaxinawá). SÃO PAULO, 2016. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05102016-164537/pt-br.php .

ALMEIDA, Maria Ariádina; CRUZ, Teresa. Protagonismo e Resistência do Movimento Indígena do Acre. **Anpuh- Rio,** p. 1-9, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1467076377_ARQUIVO_Resumo-Anpuh-RIo.pdf .

BECKSTEIN, Aline. "Livro da Cura" dos indígenas Huni Kuin. You Tub. 2016. Disponível em: "Livro da Cura" dos indígenas Huni Kuin .

IGLESIAS. Marcelo Manuel Piedrafita. Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá. Rio de Janeiro, 2008.
MATOS, Melquior; NUNES, Mônica. Medicina tradicional: terapia indígena no estado do Acre. **Journal of Amazon Healt Scienzi**. Vol. 2, n° 1, 2016, p.1-32, jun. 2017. Disponível em:https://periodicos.ufac.br/index.php/ahs/article/view/333#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgena%20do%20Acre,bem%20como%20sua%20medicina%20tradicional.
MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade. no 34, p. 287-324, 2008.
OLIVEIRA, Alice Haibara de. **\'Já me transformei\': modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuin (Kaxinawá)**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05102016-164537/pt-br.php. Acesso em: 21 nov. 2024.
PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. Companhia das Letras, 2020.
GAVAZZI, Renato Antonio. Agrofloresta e cartografia indígena: a gestão territorial e ambiental nas mãos dos agentes agroflorestais indígenas do Acre. São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4576556/Agrofloresta_e_cartografia_ind%C3%ADgena_a_gest%C3%A3o_territorial_e_ambiental_nas_m%C3%A3os_dos_Agentes_Agroflorestais_Ind%C3%ADgenas_do_Acre_Tese_de_mestrado .